

## RABISCOS DE UM ESCRÉVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 183. UM SAINT-HILAIRE COMPLETO

Ao falecer, em 1853, o grande botânico Augusto de Saint-Hilaire, que viajou pelo Brasil de 1816 a 1822, deixou inédita a última parte dos seus preciosos relatos de viagem, referente ao Rio Grande do Sul e Província Cisplatina, que só veio a ser publicada em 1887, mais de trinta anos após o falecimento do ilustre viajante. Para a nossa língua, a **Viagem ao Rio Grande do Sul** mereceu duas traduções: uma, parcial, apenas dos cinco primeiros capítulos, por Adroaldo Mesquita da Costa, que a publicou parceladamente pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul entre 1922 e 1926; e outra, completa na parte que se refere ao Rio Grande, mas omitindo os capítulos referentes à Província Cisplatina (o Uruguai de hoje), que, na época em que Saint-Hilaire a visitou fazia parte do Brasil; deve-se esta tradução a Leonam de Azeredo Pena, que a publicou pela antiga Editora Ariel, do Rio de Janeiro, em 1935, numa edição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha, que então se celebrava. Mereceu esta tradução mais duas edições, uma na coleção “Brasílica”, em 1939 e outra pela Itatiaia, de Belo Horizonte, na coleção “Reconquista do Brasil”, em 1974.

A omissão dos capítulos referentes à Cisplatina (cerca de 150 páginas da edição original) deveu-se certamente à circunstância de hoje essa região não mais pertencer ao Brasil. A tradução de Azeredo Pena salta de metade do capítulo 8 para o capítulo 14, única porção dos relatos de Saint-Hilaire que ainda não havia sido traduzida para a nossa língua. Escrevendo sobre o assunto, há mais de dez anos, sugeri que alguma editora promovesse a tradução desses capítulos e os publicasse em livro, completando-se, dessa maneira, os preciosos relatos do viajante francês. Fiquei sabendo, pouco depois, que o mesmo Adroaldo Mesquita da Costa, autor da tradução parcial da década de 20, realizara uma tradução integral de todo o volume, sanando-se assim a lacuna existente. Minha sugestão ficou, pois, sem efeito.

Foi uma pena que o dr. Adroaldo Mesquita da Costa não chegasse a ver publicado o volume que traduziu com todo o carinho. Circunstâncias diversas retardaram de muito a publicação do livro, dando tempo até a que o tradutor viesse a falecer. Todavia, graças ao editor Martins, de Porto Alegre, temos hoje o Saint-Hilaire completo. Editado em fins do ano passado, o belo volume inclui não só os capítulos sobre a Cisplatina, como os capítulos finais, relativos a uma segunda viagem que Saint-Hilaire empreendeu a São Paulo, depois que retornou do Rio Grande do Sul. Graças a este grande empreendimento editorial, posso retificar o que escrevi há mais de dez anos, afirmando, agora, que todo o Saint-Hilaire (na parte dos relatos de viagem) encontra-se traduzido para a nossa língua. 23-3-1988.

\*

#### 184. O LIVRO DE AMÉRICO BRASILIENSE

Américo Brasiliense de Almeida Melo, política e literariamente conhecido apenas por Américo Brasiliense, que é como seu nome figura em vias públicas e até numa cidade do Estado de São Paulo, nas proximidades de Araraquara, foi uma das grandes figuras da propaganda republicana no Brasil. Nascido em São Paulo em 1833, faleceu no Rio de Janeiro em 1896. Ao tempo do Império, foi deputado provincial e presidiu as províncias da Paraíba e do Rio de Janeiro. Proclamada a República e institucionalizado o novo regime, foi o primeiro presidente do Estado de São Paulo, mas governou-o por pouco tempo, pois viu-se pressionado a abandonar o cargo com a subida de Floriano Peixoto à presidência da República. O que, todavia, não o impediu de ser nomeado pelo próprio Floriano ministro do Supremo Tribunal Federal.

Na fase da propaganda, viveu em Campinas, tendo sido um dos representantes desta cidade na Convenção de Itu, em 1873. Aliás, coube-lhe secretariar a importante reunião. Jornalista de talento e combatividade, vinculou seu nome, também, à historiografia brasileira, com um manual de história pátria, que resultou da reunião de lições ministradas num colégio de Campinas, e com um livro clássico de nossa história política: **Os Programas dos Partidos e o Segundo Império**, publicado em São Paulo pela Tipografia de Jorge Seckler, em 1878, portanto há cento e dez anos. Volume de 206 páginas e mais 56 numeradas em romanos, constituía o livro apenas a primeira parte – “Exposição de Motivos” – da obra que pretendia realizar, mas que ficou nesse primeiro volume.

Em seu livro figuram os programas de todos os partidos então existentes. Na parte relativa ao Partido Republicano, transcreve-se na íntegra o famoso Manifesto de 3 de dezembro de 1870, com o qual os republicanos lançaram-se às lides políticas, devidamente organizados em

partido. Em extenso capítulo de 115 páginas cuidou Brasiliense do movimento republicano em São Paulo, transcrevendo textos do mais alto interesse: manifestos, declarações, circulares, o projeto da constituição paulista, etc.. No apêndice documental (paginação em algarismos romanos) figuram as “reflexões” apresentadas pela Câmara de Itu ao projeto de Constituição do Império; um documento semelhante elaborado em Pernambuco por Frei Caneca e o Manifesto do Centro Liberal, de 1869.

Tornou-se, assim, o livro de Américo Brasiliense fonte imprescindível para a história da República no Brasil. No entanto, passou um século sem que se cuidasse de sua reedição, o que só foi feito em 1979, pelo Senado Federal/Casa de Rui Barbosa, integrando a excelente coleção “Bernardo Pereira de Vasconcelos” (volume 23). A esta reedição, Washington Luís Neto acrescentou pequena, mas bem redigida introdução. 6-7-1988

\*

## 185. COLPORTORES

Há muitos anos, encontrava-me num “sebo” (livraria de livros usados) na cidade de São Paulo, quando entrou um cidadão à procura de determinado livro religioso, de orientação protestante. O livreiro não o tinha, mas informou que poderia encomendá-lo a um colportor que de vez em quando passava pela sua loja. O freguês nunca tinha ouvido a palavra e o livreiro deu a necessária explicação.

De fato, trata-se de uma palavra que praticamente desapareceu, simplesmente porque desapareceu a função. Tão em desuso caiu que nem mestre Aurélio a registra, pelo menos na primeira edição. Colportor chamava-se, nos meios protestantes, o vendedor ambulante de Bíblias e livros religiosos em geral. Viajavam muito, por largas extensões do País e tiveram um papel importantíssimo na difusão da religião reformada (em suas várias denominações) pelo interior do Brasil. Os pastores realizavam as pregações, ministravam os sacramentos, mas sua obra seria de pouco resultado sem a necessária ação do colportor que provesse de Bíblias e literatura religiosa devocional (já que para o protestante a leitura da Bíblia é dever fundamental) os interessados que aderiam à religião evangélica.

Vendiam Bíblias e Novos Testamentos (ou partes deles), geralmente nas traduções de João Ferreira de Almeida (mais usada pelas igrejas protestantes), mas também na tradução católica do padre Antônio Pereira de Figueiredo, esta sem os livros deuterocanônicos do Velho Testamento, que os protestantes — e também os judeus — não aceitam. A chamada “Versão Brasileira” na época ainda não existia. Mas, além das Escrituras,

vendiam também boa literatura de edificação religiosa, de algumas casas editoras já existentes no Brasil, como também boa parte de uma conhecida livraria de Lisboa, situada à rua “das Janelas Verdes”, nome que despertava enorme interesse, pela sua originalidade.

Quando menino, tinha um tio que, além de “pregador do Evangelho” (como ele se qualificava), também fazia colportagem. E em nossa casa, no Oeste de São Paulo, ele sempre fazia “pião”, guardando sua enorme tralha constituída de muitas malas e até canastras repletas de livros.

A palavra é de origem francesa (“colporteur”). Só que, na França, designava simplesmente o vendedor ambulante em geral e não apenas o de livros religiosos. Era, assim, uma espécie de “mascate”. No Brasil, introduzida pelos missionários norte-americanos, a colportagem tornou-se atividade especificamente protestante, que, com o tempo, veio a desaparecer diante de novos e mais eficientes meios de transporte e comunicação. Mas, tal como o “mascate”, o “colportor” teve sua época e bem está a merecer um estudo, pela larga influência que exerceu na propagação do protestantismo entre nós. 27-7-1988.

\*

## 186. HOMENS DE SÃO PAULO

Para comemorar o quarto centenário da cidade de São Paulo, em 1954, promoveu a Livraria Martins Editora a edição de um alentado volume intitulado **Homens de São Paulo**, reunindo as biografias de dez grandes vultos de nossa terra, com destaque nos mais variados setores, desde o bandeirismo do século XVII até o jornalismo, a indústria, a política e a ciência dos nossos dias. Convém lembrar o espírito que animou a editora a tal empreendimento: “tão somente apresentar ao povo bandeirante um painel descortinador, com conjunto de exemplos nobilitantes que espelhem os mais variados planos de valorização o amor e a devoção à causa de nossa terra”.

Para redigir as dez biografias foram escolhidas figuras de notório saber nos domínios a que pudessem interessar os biografados. Assim, Aureliano Leite escreveu sobre Raposo Tavares, Afonso de Taunay sobre Bartolomeu de Gusmão, Fernando Góes sobre José Bonifácio, Victor de Azevedo sobre o Padre Feijó, Rubens do Amaral sobre o Conselheiro Antônio Prado, Cândido Mota Filho sobre Prudente de Moraes, Maurício Goulart sobre Júlio Mesquita, Flaminio Fávero sobre Oswaldo Cruz, Edgar Cavalheiro sobre Monteiro Lobato e Heitor Ferreira Lima sobre Roberto Simonsen. Desta excelente plêiade de bons escritores sobrevivem apenas Maurício Goulart e Heitor Ferreira Lima.

Obra circunstancial, com o caráter comemorativo de uma efeméride bastante cara aos paulistas, esgotou-se logo, tornando-se raridade bibliográfica. Nunca foi reeditada na íntegra, mas o foi parcialmente. Em 1981, a mesma editora que promoveu a edição original e desta vez em convênio com a Universidade de São Paulo, publicou um belo volume, com o mesmo título, mas contendo apenas cinco das dez biografias: Bartolomeu de Gusmão, José Bonifácio, Prudente de Moraes, Júlio Mesquita e Oswaldo Cruz. Uma nota, aliás bem extensa, nas “orelhas” do volume fala-nos do valor da obra e dos biografados, mas nada adianta acerca da razão que teria levado a reeditar o livro apenas pela metade, omitindo cinco “homens de São Paulo” que não o foram menos que os cinco escolhidos. E em se tratando de edição parcialmente subvencionada pelo Estado (através da Universidade de São Paulo) não seria difícil a reedição integral do precioso livro de 1954. A não ser que fosse intenção da editora lançar um segundo volume, mas nada no livro sugere esta hipótese.

Uma lacuna, tanto desta edição como da original: a falta de informações sobre os autores que colaboraram na obra. Embora na ocasião fossem todas figuras proeminentes das letras paulistas, a muitos deles o tempo esmaeceu e já não são tão familiares aos leitores de hoje. E teria sido tão fácil sanar esta lacuna. Mas, enfim, o livro aí está, a lembrar pelo menos cinco grandes “homens de São Paulo”. 3-8-1988.

